

PERSONAGENS

Da construção da barragem ao surgimento de uma nova cidade, são muitas as histórias e vidas transcorridas à beira do lago Paranoá

Águas presentes, águas passadas

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

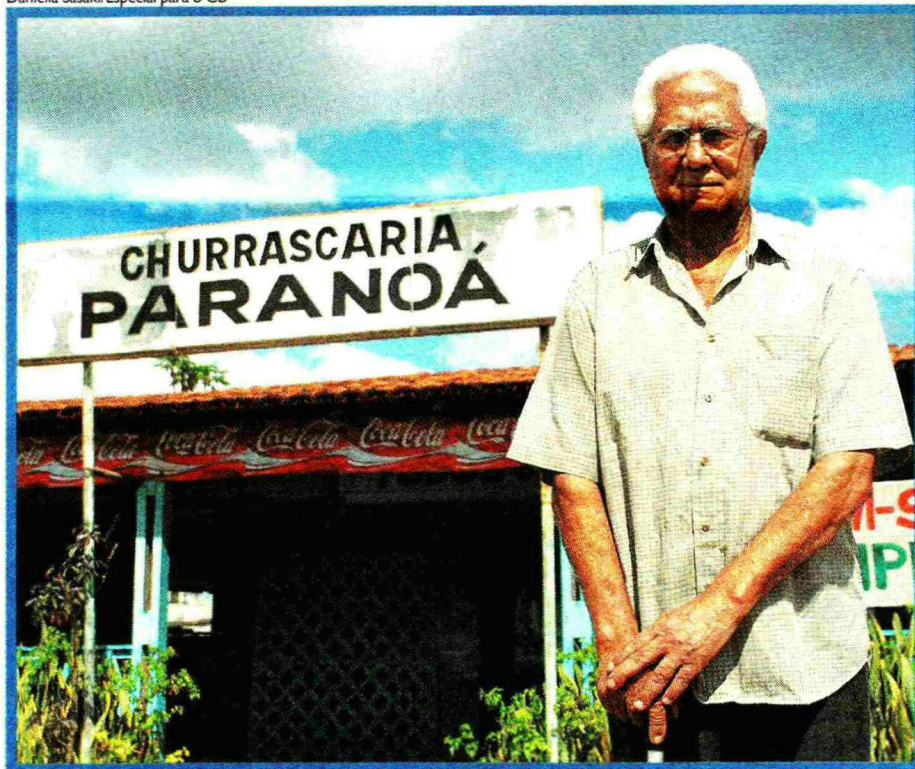
O MESTRE-CUCA DO LAGO

Não tem para ninguém. O cidadão número 1, em termos de memória e de tempo de permanência no Paranoá, é o paulista Gomes Calixto dos Santos, 78 anos. Um título mais do que merecedor. Afinal, ele é o ser vivo que mais cenas, histórias e casos ouviu, presenciou e protagonizou na região. Dono da histórica churrascaria Paranoá, o ex-funcionário da empresa Planalto – contratada pelo governo JK para erguer a barragem – chegou à região em 12 de fevereiro de 1957, há exatos 48 anos. Sua função? Trabalhar no refeitório que servia os diretores, engenheiros, técnicos e operários responsáveis pela construção.

“Diariamente eram preparadas três espécies de refeições: a primária, para a peãozada, a intermediária e a staff, para os cargos mais altos. A comida mudava pouco, o que fazia diferença era o jeito de servir. Mas todo mundo se fartava: eram mortos entre 12 e 13 bois por dia para servir aos funcionários”, lembra Calixto, que veio parar em Brasília após trabalhar anos em restaurantes e cassinos finos de Guarulhos, balneário chique no interior de São Paulo.

Além do refeitório, que tinha horário definido para servir alimentação, funcionava junto às obras da barragem uma barraquinha, servindo café e sanduíche para os operários e técnicos. “JK quando vinha pa-

Daniella Sasaki/Especial para o CB



CALIXTO: “JK VINHA AQUI TODAS AS SEMANAS. NO FINAL DA CONSTRUÇÃO TODOS OS DIAS”

ra cá, parava e comia com os peões”. Calixto jura que o presidente era assíduo nas obras. “No começo, vinha uma vez por semana. Depois, perto da inauguração, podia ser visto todos os dias entre os operários”.

Ele tomou conta do refeitório até inaugurar, em 1959, a churrascaria Mossoró, primeiro nome dado a atual Paranoá. “Desde o início servimos churrasco, pois a carne era farta e vinha de Goiânia. Aqui enchia de políticos, empresários. Juscelino Kubitschek adorava tocar viola e cantar e virou muita noite na churrascaria, que ficava lotada de homens bebendo e até dan-

çando uns com os outros. Os carros que traziam o pessoal ficavam escondidos no fundo, para evitar comentários”.

Nesta época, garante um discreto Calixto, o que funcionava era um clube do boliche, sem a presença de meninas. “Quando os homens queriam ver garotas, iam para o Núcleo Bandeirantes, para a região da Placa da Mercedes.”, conta, sem esconder um brilho maroto nos olhos e sem entregar o amigo-presidente, que conhecia desde o início de 50, época na qual trabalhou na cidade mineira de Araxá, quando chegou a ficar íntimo da família de JK.

Calixto lembra que o presidente chegava de helicóptero, o que causava alvoroço. “Dizem que o nome Paranoá vem daí: do fato do helicóptero ficar parado no ar”, brinca o mestre-cuca. Ele também lembra da cronologia das obras da barragem. “Em 1957 começou o aterro, foram três anos para ela poder sangrar. Durante as obras, tinha as explosões. A terra tremia, tinha muita onça, veado, paca que fugia com medo e apavorava os operários. Tinha também muitos índios, que começaram a ficar bravos com a bagunça no território deles. Eles chegavam em grupo no refeitório, depois na churrascaria e queriam comer. Ai da gente se não desse comida para todos eles! Era um deus nos acuda”.

Na inauguração da barragem, a churrascaria serviu feijoada. E todo mundo estava lá, inclusive Juscelino. Aliás, no final dos anos 50 e no início da década de 60, toda a elite brasileira freqüentava o local, um dos poucos a ter requinte e porte para receber “gente fina”. Quando a belíssima primeira-dama Tereza Goulart estava em Brasília, aparecia por lá, sempre acompanhada de um séquito de amigas. “Ela era muito bonita e sempre chegava de lancha. Ficavam aqui o dia todo.”, lembra Calixto.

Foi nas dependências da churrascaria – que mantém a estrutura original e que fica ao lado da barragem – que Calixto conheceu a esposa Cravolina com quem teve cinco filhos, inclusive Fábio, que atualmente o ajuda a tocar o restaurante. Atualmente, mora na cidade e jura que não deixa o Paranoá por nada. “Isso é minha vida. Quando morrer, minha ossada tem que ficar aqui, de preferência na beira do lago”.

O DOMADOR DE PEDRAS

A barragem era só um “correguinho”, quando o potiguar Severino Soares de Lira, 77 anos, chegou no Paranoá, em 1958. Trabalhador experiente, trazia no currículo passagens por grandes empresas mineradoras, tanto no interior de Minas quanto no do Rio Grande do Norte. “Fui contratado para exercer a tarefa de operador e ajudar no manejo das pedras. A gente tirava pedra lá embaixo, e a máquina lavava. Tinha umas de 10 mil quilos que eram carregadas por um guindaste, furadas e amarradas com um cabo. Era cabra de todas as regiões do país, dia e noite operando máquinas, ferramentas, dando um duro danado. Não tinha mulher, se aparecesse uma, a macharia pegava.”, recorda Severino.

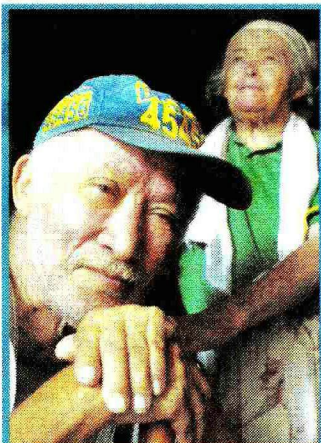
Naquela época, a cachaça grassava, e não eram poucas as confusões entre os peões. “Mas não tinha polícia para controlar ninguém, só depois veio a truculenta Guarda Especial de Brasília, com uns cacetetes do tamanho do mundo e que botava medo em todos. Pra onde a pessoa olhasse em Brasília, tudo estava em construção”, lembra o velho operário.

O trabalho era pesado, mas se o sujeito “tivesse juízo”, ganhava muito dinheiro. A comida era farta, os perigos também. “Tinha casca-vel, onça, ema, lobo guará, todo tipo de bicho e perigo. Mas tinha muita coisa boa para quem sabia trabalhar, apesar das regras serem duras e o trabalho pesado.” Para viver na obra, era preciso se adaptar. “Passei anos morando num barraco construído com capim, tanto o forro quanto o teto. Com todo mundo era assim”.

Quando a barragem foi construída, novos planos, vida nova no horizonte. Severino decidiu que não ia mais sair de Brasília. Trouxe a mulher Regina para a cidade. Invadiu as matas, ao lado da barragem, e construiu um barraco. A Novacap tirou. Insistente, mudou de lugar e se instalou na região onde hoje fica o Parque Vivencial, local onde permaneceu durante décadas, até ser definitivamente expulso e ganhar um lote no Paranoá novo. Isso foi há cerca de 10 anos, e a terra adquirida fica num lugar modesto, apertado, no centro da atual cidade.

“Ajudei a construir Brasília, moça, a gente ia pra feira do Núcleo Bandeirantes dia de sábado para comprar as provisões. Também ajudei a construir as duas W-3, ergui escola classe e tudo. Fui funcionário do Ministério da Justiça, fazendo serviço elétrico, hidráulico o que aparecesse. E tinha minhas terrinhas, na beira do lago, onde plantei muitos mangueirais, muitas hortas. Tenho saudades”.

Carlos Vieira/CB



SEVERINO E REGINA: SAUDADES DA VELHA CASA NA INVASÃO

NASCIDA PARA VENCER

Quem acompanhou a maratona de São Silvestre no último dia de 2004, jamais vai esquecer da figura esbelta, delicada, que deu tudo de si para superar o cansaço e a subida da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, e chegar ao pódio na Paulista. Após esse dia, o nome da brasileira Lúcelia de Oliveira Peres foi definitivamente consagrado. Tendo ou não chegado em primeiro lugar - foi a segunda na prova - comportou-se como uma atleta e uma guerreira no sentido mais latente e nobre da palavra: é uma pessoa que sabe superar os próprios limites. Uma vencedora.

Pois essa mulher capaz de encantar um país, tem um jeito simples e vive muitas dificuldades. Ao contrário dos muitos atletas que saíram do Distrito Federal para outras capitais, ela ainda insiste em continuar treinando, trabalhando e morando na cidade em que cresceu, o Paranoá.

Mineira de Paracatu, Lúcelia chegou com a família ao Distrito Federal quando tinha apenas quatro anos. Foi no Paranoá que cresceu e que descobriu, aos 11 anos, a vocação de corredora. “Participei de um programa dedicado a crianças carentes em diversas cidades do Distrito Federal. Desde então me destaquei e não parei”, lembra a atleta, que contou com o apoio do programa por apenas um ano, e que só pode continuar a carreira graças à perseverança e fé do amigo e técnico Edilberto Marques. “Era ele quem bancava as minhas passagens de ônibus para treinar no Plano Piloto”, recorda.

Atualmente, a vida de Lucélia continua de uma simplicidade extrema. Na casa modesta em que mora com os pais e os irmãos, o único sinal de “ostentação” é um carro novo na garagem, que a traz e leva, todos os dias, para treinar na Centro Integrado de Educação Física da Asa Sul e no Parque da Cidade.

Nas vésperas de provas e nos dias de folga, Lucélia costuma utilizar a área dos pinheirais, no condomínio Boqueirão, para fazer treinos leves. “Adoro minha cidade, aqui é calmo e tranquilo. Fico feliz quando tenho condição de correr nessas estradas cheias de sombras e árvores. Gostaria muito de não ter que sair daqui”, conta a atleta, que no entanto admite: deve ceder aos apelos de patrocinadores de São Paulo. O atual e único banca apenas despesas de condução e treinos. “Não dá para viver sem dinheiro”, lamenta.

Daniella Sasaki/Especial para o CB



LUCÉLIA PERES AMA O LUGAR ONDE MORA E CRESCER

O PORTA-VOZ DA COMUNIDADE

Sair nas ruas da cidade acompanhado pelo baiano Emiliano Caldeira da Silva, 46 anos, popularmente conhecido como Negão do Paranoá, é um evento a parte. Falante, simpático, este nordestino de origem pobre, que veio para o Distrito Federal em busca de oportunidades de vida, é hoje um dos “reis” do pedaço. Funcionário da Administração Regional, exerce funções múltiplas. Numa hora é designado para trabalhar com comunicação, em outra joga no time de relações públicas, e de vez em quando atua como assistente social. Mas no fundo, o que ele gosta mesmo, é de ser o porta-voz da comunidade.

Na feira, na avenida central, no Parque Vivencial, no Boqueirão, nos points chiques ou pobríssimos, ou em qualquer lugar que se vá, Negão é assediado, cumprimentado, festejado pelos amigos do Paranoá. Um pedaço de ajuda para levar o filho ao hospital, outro solicita

auxílio para matricular o sobrinho na escola classe, outro reclama do racionamento de água na quadra. Negão anota, quando possível pega seu próprio carro e executa o pedido do cidadão.

Mas a maioria que vem cumprimentá-lo quer dar apenas um “oi” ao amigo velho de guerra, pois o Negão, apesar de estar atualmente num cargo público, é um porta-voz do povão e dos que brigaram pelo direito a um pedaço de terra e a

Daniella Sasaki/Especial para o CB



NEGÃO DO PARANOÁ BRIGOU POR TRANSPORTE, ÁGUA E LUZ

uma cidade com condições de vida dignas.

“Já passei muita dificuldade financeira. Hoje estou numa situação boa, e o mínimo que posso fazer é ajudar quem não tem nada, como já aconteceu comigo. Morei nove anos na invasão. Não tinha água, nem luz, nem coisa alguma”, recorda Negão, que hoje está bem instalado numa quadra próxima à avenida principal, e que há alguns anos, foi um dos personagens do movimento de luta por melhores condições para o Paranoá. “A questão do transporte era terrível: mães de famílias saíam daqui de manhã e só conseguiam voltar para casa às 11 horas da noite, porque não havia condução.”

Apesar de amar a cidade, Negão garante que existem muitas dificuldades. “Não temos programas de geração de emprego nem cursos profissionalizantes, e o mais grave: 24% da população se encontra desempregada”, diz o Negão, que antes de chegar ao Paranoá, em 1981, morou na Ceilândia e em Taguatinga, e que já trabalhou como caseiro, jardineiro e paisagista.